

História e filosofia entrelaçadas pela genealogia: Nietzsche e Foucault

José Carlos Henrique Bezerra Cândido dos Reis¹

RESUMO

O presente trabalho procura desenvolver uma análise nas teorias de abordagem do conhecimento histórico e filosófico. As metodologias ao se abordar o passado, sobretudo o passado escrito e falado, variam ao longo do tempo. Aqui neste trabalho será apontada uma forma analítica de se operar o conhecimento histórico. Esta forma metodológica iniciada por Nietzsche e manuseada por diversos historiadores do século XX, tal como Foucault, nos possibilita analisar o passado se valendo de ferramentas além das proporcionadas pela História e as ciências em geral. O referencial é a abordagem genealógica de trabalho praticada por Nietzsche e Foucault.

Palavras-chave: Genealogia Nietzscheana, História, Filosofia.

1

Há algo de sombrio e clarificante nas ciências, mas a razão científica não compreende o devir. O devir cega toda objetividade e convicção, próprios do homem científico. O homem moderno (o homem do progresso) elevou a categoria do seu passado, a que chamamos história, para o patamar valorativo da veracidade, dos fatos e acontecimentos históricos inteligíveis. Houve, primeiramente, o passo para a desmistificação da história praticada e produzida pela Igreja. Esse primeiro impulso não fugiu do plano metafísico do conhecimento ocidental; o passo foi dado em direção a um “sentido da história”, uma universalização do passado da humanidade. Seu expoente, por cima das costas de Kant, fora Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Um astuto filósofo, uma raposa que roubava do tempo os ovos da humanidade fazendo com que esta não parasse de produzir, porém estagnada em seus ninhos como galinhas em uma granja. O inevitável é que a raposa persuadiu as galinhas a produzir ovos (erros) para sua alimentação voraz, deixando a vida, dona das galinhas, passar fome:

¹ Acadêmico do 6º semestre de História – UNEMAT. potter_sk8@hotmail.com

O terrível estrago do hegelianismo (hégélerie). Mesmo quem tenha escapado dele, como Strauss (um pretense galináceo), jamais ficará totalmente curado. (Pág. 230)².

Esse Hegel via na História uma forma de conservar a moral moderna, que nos afeta até hoje (através do historicismo). Não queremos, como Nietzsche, ficarmos iludidos com essa estranheza à vida que é a historiografia com princípios de um “sentido histórico”, um espírito do tempo que rege através de uma razão moral os indivíduos em forma abstrata do universal, tal como não queremos acatar a moralidade transpassada historicamente por Kant, o sustentáculo dos erros e podridões hegelianos, que nos chegam hoje às Américas através da educação pautada em um sentimento nacional – Esse medíocre historicismo didático que usamos para moralizar e tornar fracas as nossas crianças. Não queremos mais usar da História para fundar conceitos filosóficos para que a moral moderna conserve seus direitos.

Fujamos desses finalizadores na História, para a qual toda moral busca incessantemente o fim histórico. Esses lunáticos forjam o início com o seu fim já constituído na eternidade estática, oras, se há alguma eternidade ela é devir, a história não prova em nada um fim projetado, menos ainda um começo objetivado, capaz de fazer compreender o presente. A humanidade não tem um fim, uma finalidade proposital, mas ela também pode dar a si um fim. A objetividade, segundo Nietzsche, no historiador é um absurdo. O fim, apenas ilusão conceitual.

Procurando a verdade, na mesma inocência com que o alquimista procurava a pedra filosofal, o homem moderno deu mais um salto: ele tirou da história seu sustentáculo metafísico. Ele desceu a história humana das mãos divinas do céu; transformou-a em ciência. Alemães e sua cultura moderna murcha e fedida! A grande potência personificada como “pai da história científica” atende na teoria do conhecimento pelo nome Leopold von Ranke. Se a História monumental, tradicionalista e crítica já possuíam demasiada força até o século XVIII, no século XIX elas ganham lugar definitivo no panteão acadêmico e estatal. Os Estados

² - NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre História**. Tradução de Noéli Correia e Melo Sobrinho. 2ª edição. PUC – Rio: S/d.

Nações se formam através de uma rigidez histórica baseadas nas três premissas historiográficas mencionadas.

Os alemães constituem os principais pensadores históricos que irão disseminar por toda Europa moderna o pólen da história que degrada – a semente de uma árvore infrutífera. É nesse cenário que Nietzsche pretende inverter o quadro, ele quis criar uma técnica de se fazer história que fuja do que estava consolidado como verdade histórica, uma das razões era acabar com o luxo dispendioso que as produções de história se sujeitavam. Ele criou uma forma para atender ao homem de ação, uma história voltada contra tudo o que congela e entrava a vida: a isto deu um nome em oposição à história; genealogia. Ele produziu uma obra com tal técnica: genealogia da moral; afim de despir os conceitos morais viventes nas práticas cotidianas modernas e fazer o homem de ação superar e revalorizar seus valores que estão diretamente ligados às suas práticas na vida. Uma esperança, que ainda hoje cria diversas novas abordagens historiográficas através do que podemos chamar de método genealógico Nietzscheano.

2

Nietzsche já sabia que o problema moral por trás do bem e do mal direcionava a humanidade pelos caminhos da culpa, má consciência e afins, ele sabia que o peso do bem e do mal fazia com que o homem não agisse. E quando agia era em prol de algo para além da materialidade. Há um sentimento moral do bom e mau, bom e ruim, que percorre o presente, mas que é visto como muito humano, ou seja, certas definições podem ser visualizadas como discernimentos primitivos, o homem tinha já a noção do que era bom e ruim desde a pré-história, o que diferencia a moral deles da nossa é justamente o valor que eles davam ao que é bom e ao que é mau. Aqui reside um dos aspectos importantes da genealogia de Nietzsche, ele procura no presente aspectos que possam ser analisados como origem, sem se remeter à objetividade, dito de outra forma, ele encontra indícios no presente que ajudam a conceber os fragmentos que rodeiam o início, a primitiva forma do que vemos no presente. Para conseguir realizar esses feitos Nietzsche elaborou remédios para a “história”, ele precisou se embasar em abordagens a-históricas e supra-históricas: Fazendo a coerente junção entre filosofia e

história. Era preciso valorizar o estudo que se pauta na negação dos fins, que aborde a religião, a compaixão, a arte e o futuro – para que não se prendesse nos equívocos da objetivização do começo, do início.

A maneira a-histórica é aquela que procura em cada momento, em cada evento, sob cada céu e no seio de cada povo, o sentido da vida humana: e assim como as diferentes línguas exprimem as mesmas necessidades dos homens, também o observador a-histórico discerne pela visão neste sentido primordial que funda toda a história, grande ou pequena, e por isso a multiplicidade dos hieróglifos não o preocupam mais: príncipe ou mendigo, campo ou cidade, gregos ou turcos – todos ensinam a mesma coisa a respeito da vida. (Pág. 193) (Escritos sobre História, NIETZSCHE)³.

Isso se dá na necessidade de se elevar acima da história, esse sentimento supra-histórico nietzschiano foi realmente necessário para que a abordagem genealógica atendesse as exigências do bigodudo, que queria uma história voltada para a elevação da vida. A reflexão filosófica é a chave para quem se dispõe a produzir uma obra baseada na genealogia nietzschiana:

O que foi atingido na ordem do conhecimento é o que incumbe aos filósofos estabelecer; e não somente aí, mas em todo lugar! A história como o grande laboratório: para preparar a sabedoria consciente da qual se tem necessidade para o governo do mundo. (Pág.337). (Escritos sobre História, NIETZSCHE)

Se a melhor abordagem da história é aquela que traz mais proveito para a vida, podemos logo perceber que há uma intencionalidade no método empregado por Nietzsche, se é que a genealogia pode ser sistematizada pelo rótulo de método. Aos 13 anos Nietzsche já havia realizado sua primeira reflexão filosófica, segundo o que ele mesmo nos escreve.

³ NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre História. Tradução de Noéli Correia e Melo Sobrinho. 2º edição. PUC – Rio: S/d.

Depois de completar seu livro *Para além do bem e do mal*, ele anunciou uma nova exigência que traria as bases e pilares do que seria sua abordagem genealógica:

...necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. Tomava-se o valor desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência, fecunda para o homem (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que à expensas do futuro? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... (Pág. 12 e 13). (Genealogia da Moral – Nietzsche, companhia das letras, sem datação constando no livro em questão aqui).

Viver uma história “boa”? O que é bom para a vida? É preciso cautela com a exaltação da vida, do homem, por isso é preciso ter cautela até mesmo com Nietzsche! Mas não podemos ignorar a sutileza e a artimanha que o historiador tem que ter em relação às coisas “boas”, tal qual o bigodudo nos fez perceber. O critério genealógico consiste, em suma, de registrar e selecionar realidades pessoais e atuais para encontrar nelas o que há de primitivo e de inicial nas práticas humanas, aqui há necessidade em analisar o passado com tudo que há de erro nele; analisar as práticas errôneas no presente, na realidade atual. Agindo desta forma a filosofia é necessária intensamente em uma questão, para uma função: ser a destruidora; aquela que ataca os erros das religiões e das ciências, ou seja, que aponta equívocos de suas respectivas culturas. A filosofia é, por sua vez, formatadora de culturas.

Não é “buscar a verdade” que te quer a necessidade elevada, a necessidade genealógica, aquela necessidade da vontade de superação, mas sim, porém, a busca da mentira; deveremos buscar a mentira, não para a ilusão – o entendimento dela como verdade,

para bloqueá-la, aniquilar sua efetividade na prática da vida; não devemos querer combater a mentira como uma mal à verdade, de fato a mentira é uma verdade, ela é ruim para a vida, pois dela provém o erro. Cessem de autoflagelo senhores objetivistas!

A mentira é uma verdade. O homem conhece o que é uma mentira e o que é uma verdade. Claro, de tal forma, a verdade que é mentira existe apenas quando a mentira é uma verdade, conquanto, a verdade absoluta nunca é uma mentira. O que constitui tal colossal verdade é a existência e o nada (duas coisas que devem ser superadas em breve). O homem não conhece a existência – e o que ela é – e nem o que é o nada. A verdade absoluta é intangível. Ela é impalpável para o homem, que a idealizou erroneamente julgando a conhecer conceitualmente.

Ela, a verdade, tem a ilusória capa da palavra; assim como o homem também não o é, sendo verdade assim mesmo, pois “homem” já é uma palavra, o verbo (ser) é intangível. A palavra e os sentidos são a verdade. Os sentidos sustentaram no homem atual o que há de real na verdade. Satisfazendo assim os anseios da população que se acredita afetada culturalmente pelo Fatum. A vontade própria, na verdade absoluta, emana das particularidades dos que compõem a existência; no homem é desejo, abstração, concretude... Acreditam?

Fez-se, até hoje, necessidades de se criar muitas histórias;

Um descuido, até que chegamos ao ponto que nos foi despertado a necessidade por uma das consciências históricas, exortada e cuspidada por um bigodudo do XIX, em nos dizer que precisamos também nos livrar de história, de passado, para “compreendermos” – com a palavra – nós precisávamos pensar a-historicamente a vida. Por qual das vias do século XX podemos ver uma diminuição da produção historiográfica então? Quando vemos (mesmos nos genealogistas tradicionais que se consomem nas apreciações dos troncos familiares, essas explosões de novas formas de se ver o passado canalizado na apreciação pelo luxo e dispêndio dos trabalhos acadêmicos e científicos) fica sem dúvida nenhuma que a Genealogia Nietzscheana pode servir como um remédio para a objetividade e culto à produção em massa de história – apenas para aumentar o peso do passado com mais passados, só que desta vez, mais supérfluos: que existem atualmente não só nos trabalhos acadêmicos, mas, principalmente, nas consciências de massas. Também não podemos negar que todo homem do

conhecimento teórico, ou histórico, produz suas dosagens de trabalhos que de para a vida foi apenas acumulação de conhecimento material. Utilitários? Sim! Para mais conteúdo supérfluo.

As duas principais formas genealógicas de se operar o passado são as potências a-históricas e supra-históricas. Segundo Nietzsche as potências a-históricas se chamam esquecimento e ilusão. As potências supra-históricas são a arte, a religião, a compaixão, a natureza, a filosofia. Através destas considerações que todo estudioso de Nietzsche tem (os discípulos do bigodudo), vemos um porta voz de uma Genealogia Nietzscheana trabalhada visando outras abordagens, mais atuais. Nessa nova abordagem – com apreciação genealógica – esse porta voz faz ecoar em outras palavras algumas palavras críticas ao que ainda era realidade no século XX:

“no começo era”

Engrandecer a origem, esta é a suposição metafísica que se põe a germinar quando se considera a História, e que leva a pensar que realmente no começo de todas as coisas se encontram as coisas mais preciosas e mais essenciais. (Escritos sobre História, NIETZSCHE)⁴

Esses segmentos que levam às considerações que se remetem para o início, o começo, a fase primeira da temporalidade, estão mais do que “enganados” com sua objetivação. A forma de se entender o que pensamos tentando entender o que nos foi dado é não deixarmos estabelecer inícios e razões para que a história se consolide, temos que estudar o passado para a efetivação da compreensão combativa. O começo é um saudosismo intangível do útero da grande mãe humana. Assim, “porta voz” da genealogia dos XX, Foucault, nos disse:

O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate. A história ensina também a rir das solenidades da origem. A alta origem é o ‘exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais

4 NIETZSCHE, Friedrich. Escritos sobre História. Tradução de Noéli Correia e Melo Sobrinho. 2º edição. PUC – Rio: S/d.

precioso e de mais essencial’, gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã (Foucault, 1979, p.18).

3

Atualmente temos esse designado pós-estruturalista chamado Foucault. Ele é o novo “porta voz regente” no altar das novas formas de se fazer história, competindo em relações de influência na academia com a imperativa corrente historicista, científica e, assustadoramente, metafísica – sim, a história produzida no século XX ainda está presa em opiniões extraterrenas; mas que no meio se faz necessária para a pesquisa das mentiras. O excesso desses tipos de história está comprometendo um verdadeiro avanço em direção ao que o homem busca atualmente – esse realizador natural daquilo que é de seu direito humano. Há muita produção de história, ainda mais com as formulações para produção vinda com a “Nova História” na França dos começos dos XX. Isso está já por ficar insuportável, isso sem falar na onda de marxistas e pós-marxistas que são hábeis produtores de história e que sofremos o peso de suas produções até nos dias de hoje. Importantes? Sim! Mas não desta forma demasiada!

Foucault nos propõe uma genealogia que se encaixa bem nas suas formulações filosóficas baseadas em conceitos como relações de poder, disciplina, discurso, enfim, ele nos permite sair do estruturalismo da qual seus contemporâneos já o assinalavam, para emergir obras suas baseadas em uma Genealogia Nietzscheana. Assim temos projetos arqueológicos das ciências humanas fundamentados nessa vertente genealógica. Tal caso se dá desde a publicação de *As Palavras e as Coisas* em 1966. Ele, o pós-estruturalista, precisou do enfoque genealógico:

Trata-se, de fato, de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária

*que pretenderia depurá-los hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro*⁵.

Foucault foge um pouco (bastante!) da perspectiva Nietzscheana – que na verdade, e distante das intenções foucaultianas, procura depurar o problema do valor, na sua genealogia, para que se pudesse criar e determinar uma hierarquia de valores – para ampliar e nos levar, às vezes tomando até outros ares, à genealogia histórica descontínua.

A genealogia não busca somente no passado a marca de acontecimentos singulares, mas que ela se coloca hoje a questão da possibilidade dos acontecimentos: “ela deduzirá da contingência que nos fez ser o que somos, a possibilidade de não mais ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos” (What’s enlightenment?, op. cit. nota 6). (RAVEL, 2005)

Pensando possibilidades, o Foucault nos aponta o limite das possibilidades no enfoque genealógico com influência nietzscheana:

*Foucault indica, com efeito, que há três domínios possíveis de genealogia: uma ontologia histórica de nós-mesmos em nossas relações com a verdade, que permite nos constituirmos como sujeitos de conhecimento; nas nossas relações com um campo de poder, que permite nos constituirmos como sujeitos que agem sobre os outros; e em nossas relações com a moral, que permite nos constituirmos como agentes éticos*⁶. (RAVEL, 2005)

Concluindo, podemos analisar essas duas personalidades, uma do XIX e outra do XX, como os expoentes de uma formulação e produção histórica que fuja das amarras equívocas da verdade histórica, tanto científica como metafísica. Estes dois autores do passado produziram conhecimento das origens sem evocar os “eventos históricos” e nem os verazes “fatos históricos” que a objetividade e a verdade consolidada sempre evocaram – podemos chamar aqui esse esforço de genealogia filosófica historial.

⁵ - Ravel, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais** / tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani – São Carlos : Clara Luz, 2005.

⁶ Idem.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

REFERÊNCIAS

- Ravel, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais** / tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani – São Carlos : Clara Luz, 2005.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre História**. Tradução de Noéli Correia e Melo Sobrinho. 2º edição. PUC – Rio: S/d.